Pescadores e anzóis

O excerto compara cientistas e pescadores ao declarar que eles pertencem ao mesmo grupo, pois assim como os pescadores, os cientistas jogam suas redes de ideias e teorias para o mundo esperando recolher diversas conclusões inesperadas. Porém, é claro que nenhuma das redes se constrói sozinha, o texto diz que enquanto a rede material é formada por fios, a de ideias é formada por palavras, ou seja, teorias. As redes de teorias filtram e “pescam” só aquilo que as interessa, deixando de lado o elemento perturbador.

O texto cita a rede de Galileu, que se baseava-se apenas em manter a matemática, pois para ele, ela era a linguagem que devia ser usada para traduzir a natureza, ou seja, a rede deixava passar tudo aquilo que era dos sentidos e mantinha todas as coisas que eram matematizáveis, ou seja, só relações matemáticas.

Além disso, o que faz um pescador, um cientista, um detetive e um caçador serem eles mesmos não são suas ferramentas, mas sim suas habilidades. Assim como os caçadores observam o comportamento de suas presas os cientistas, os detetives também estudam seus suspeitos, que foram filtrados pela sua rede de investigação. Resumindo, o conhecimento possuído do bicho, peixe, pessoas ou entidade, que se constitui numa teoria, é o que torna os indivíduos cientistas, pescadores, caçadores e detetives. Um cientista é aquele que sabe manusear suas redes de teorias para pegar aquilo que lhe interessa. Toda teoria, que nem as redes, tem um pré-julgamento sobre as coisas sem significação. E são essas coisas que devem ser deixadas passar.

O psiquismo tradicional acreditava que por seu estudo só havia conclusões que passavam pelo consciente e racional. Quaisquer situações que se afastavam da racionalidade e da consciência eram enumeradas como perturbações insignificantes, que não deviam ser consideradas. O texto acaba citando o caso de Semmelweis, ele que primeiro de tudo formulava hipóteses e depois realizava a armadilha, estas que são chamadas de “métodos” e variam de acordo com o tipo de hipótese. Elas são específicas de acordo com a natureza e características das presas. Porém, na ciência, redes capacitadas a pegar um peixe específico deixam escapar todos os outros.

Estudiosos da área das ciências exatas constantemente rebaixam os cientistas das ciências humanas por não considerarem de fato eles como partes das ciências. Porém, as exatas, de acordo com o texto, não são necessariamente mais certeiras, exigentes e precisas. A questão é que a presa que eles tentam cuidar é mais caseira, nada violenta e desprovida de criatividade e pensamento. Ela sempre faz os mesmos passos, o que acaba deixando-a previsível.

Um exemplo dado pelo texto foi questionar qual teria a maior precisão, a análise dos movimentos de uma árvore ou de uma bailarina. Evidentemente, a mais previsível é a movimentação de uma árvore, visto que ela não pensa logo não muda de pensamento. A precisão da ciência está diretamente relacionada à rotina do objeto de análise.

Os estudos dos seres humanos sempre buscam buscar padrões, monotonias e regularidades. Algo que fosse novo a cada momento seria praticamente indecifrável. Daí s expressão “caráter” vem à tona. Tudo aquilo que é monótono possui caráter, de acordo com o excerto, pois é algo fixo e previsível, onde uma árvore seria mais previsível, logo com mais caráter, que uma bailarina.

Quanto mais estático e sem vida maior o caráter. Porém essas coisas fixas acabam sendo modificadas por uma conduta “caleidoscópica”, onde a realidade vai se tornando mais complexa, em que cada indivíduo parece mais distinta ainda do próximo, emergindo, assim, para um mundo físico-químico. O texto afirma que o empecilho não está nas teorias, nos métodos ou nos instrumentos, mas sim na natureza do objeto de análise, visto que é extremamente difícil fazer uma análise rigorosa da realidade humana, pois a ciência não busca a diferença, mas sim as coisas que há em comum. O que torna o rigor tão questionável é, em uma linguagem da filosofia, a liberdade.

Os cientistas são comparados com cozinheiros, e suas teorias/ artigos com receitas. É como se cada pesquisador, ao rever os estudos, estivesse testando uma receita nova feita por outros, onde ele verificaria se o passo a passo realmente funciona, se os ingredientes estão nos conformes, se o resultado é favorável. Porém, diferentemente dos cozinheiros verídicos, os cientistas não podem defender que alguma etapa foi esquecida ou indevida, ou que algum ingrediente estava estragado, visto que a ciência exata trabalha sem nenhum tipo de variação. Mas há ramos mais complexos que esse, por exemplo na área da biologia, ou botânica, em que nos deparamos com a probabilidade de variações (mutações), ao contrário da física, em que só existe o padrão.

Apesar de todas as diferenças e particularidades dos tipos de cada um, no fim sempre acabaremos sendo armazenados em pastas, grupos, caixas, sempre estaremos presos aos fios que formam nossas teias de realidade. É esse o papel da teoria, ela leva em consideração os comportamentos normativos dos tipos e classes, com isso, podem ser criados armadilhas específicas, não só para elementos físico-químicos, mas também para seres humanos. Uma situação é considerada nova quando há uma perturbação no padrão de organização pré-existente.

Dessa forma, para brincar de ciência é preciso que o cientista tenha uma visão muito evidente do padrão\ordem que se espera do funcionamento das coisas. Fora desse contexto de padrão, os eventos não possuem nenhum sentido claro. Logo, um dos papéis mais importantes da análise científica é fazer com que os estudiosos se habituem aos padrões e fique atento às sucessivas modificações e mutações que a ordem sofreu.